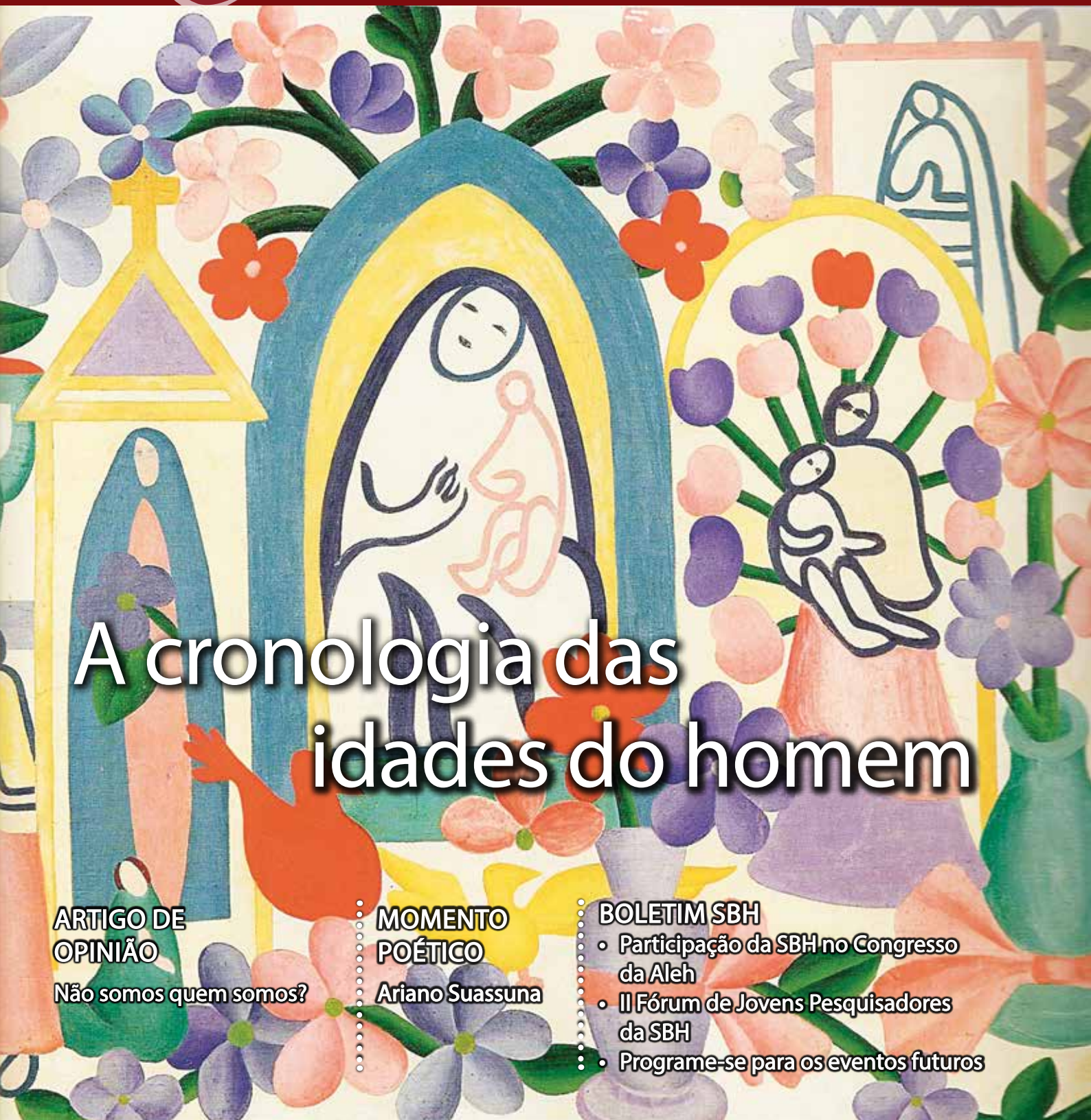
ISSN 2358-1093

Revista SBH

Saúde, Cultura e Atualizações

Ano 1 • n. 4 • 2014

Sociedade Brasileira de Hepatologia



A cronologia das idades do homem

ARTIGO DE OPINIÃO

Não somos quem somos?

MOMENTO POÉTICO

Ariano Suassuna

BOLETIM SBH

- Participação da SBH no Congresso da Aleh
- II Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH
- Programe-se para os eventos futuros

ISSN 2358-1093

Revista SBH
Saúde, Cultura e Atualizações

Órgão Oficial da Sociedade Brasileira de Hepatologia

Editor Revista SBH
Heitor Rosa

Colaboradores
Edna Strauss
João Galizzi Filho
Joffre Marcondes de Rezende
Waldir Pedrosa Amorim

Colaboradores Convidados

Diretoria Biênio SBH 2014-2016

Presidente: Edison Roberto Parise
1º Vice Presidente: Cláudio G. Figueiredo Mendes
2º Vice Presidente: Deborah Maia Crespo
3º Vice Presidente: Helma Pinchemel Cotrim
Secretário Geral: Edna Strauss
Secretário Adjunto: Hugo Cheinquer
1º Tesoureiro: Isaac Altikes
2º Tesoureiro: Rodrigo Sebba Aires
Representante Junto á AMB: Edna Strauss

Comissão Título de Especialista
Francisco José Dutra Souto
André Castro Lyra
Leonardo de Lucca Schiavon

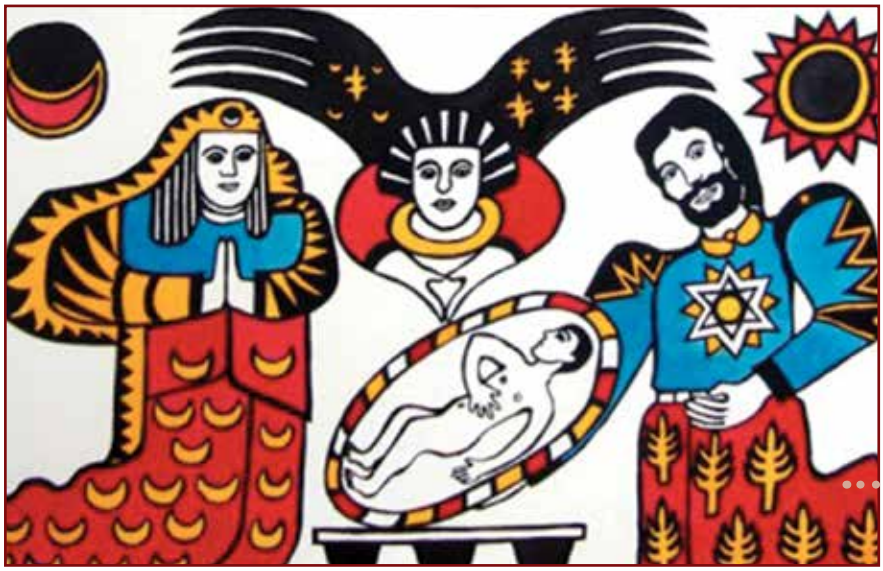
Comissão de Admissão
Fernando Wendhausen Portella
Cristiane Alves Villela Nogueira
João Luiz Pereira

Atha Comunicação e Editora
Coordenação editorial, planejamento,
criação e diagramação
Jornalista responsável: Ana Carolina de Assis
1atha@uol.com.br

Capa
Religiosidade Brasileira (1926) - Tarsila do Amaral.

O conteúdo dos artigos dessa publicação é de responsabilidade de seus autores, as opiniões apresentadas não refletem necessariamente a opinião desta publicação.

SUMÁRIO



3 Carta do Editor

4 Editorial

5 Linguagem Médica
- Patologia como sinônimo de doença
- Envelope viral

8 Artigo de Opinião
Não somos quem somos?

12 Crônica
A cronologia das idades do homem

16 Momento Poético
Ariano Suassuna

20 Nas Pegadas dos Imortais
Francis Glisson

23 Boletim SBH

Heitor Rosa
Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Queridos colegas e leitores,

Preparamos com muito carinho a comemoração de um ano de edição, e o último número do ano como um presente de Natal. Não posso fazer como nossas revistas científicas (Hepatology, Gastroenterology, p.ex), escrevendo um editorial para cada artigo de grande importância. O número todo reflete a enorme dedicação, competência e arte dos colunistas, e creio que produzimos um interessante produto.

Mestre Joffre Rezende hoje toca numa ferida viciosa da linguagem hepatológica e médica: o envelope viral e o uso inadequado do termo "patologia". Para os humildes, uma aula; para outros, uma provocação linguística.

O Waldir pegou "pesado"; deu-nos como presente irrecusável, uma visão corajosa da vida e obra de Ariano Suasssuna. Quem não aceita? Quem vai deixar de ler? A concepção poética do Waldir sobre uma das maiores figuras do agreste é perfeita.

Apresento a vocês um novo convidado para a sessão Artigo de Opinião, uma das grandes culturas humanísticas e filosóficas que ainda temos: Joel Pimentel de Ulhoa, que com a autoridade que a Sorbone lhe conferiu, vem questionar nossas pretensas personalidades. É o preço que pagamos por provocar os filósofos.

Sinto-me recompensado por entregar ao nosso "clube" a descoberta de um talentoso pesquisador de história médica: João Galizzi. Neste número ele viajou até a Inglaterra no séc. XVII e apresenta-nos Francis Glisson. A cápsula que envolve o fígado e recebe seu nome, seguramente é uma das menores façanhas deste professor de Cambridge e Oxford. Veja a história que Galizzi nos conta. Surpreendente.

Finalmente, resolvi falar sério e produzi uma crônica para, de maneira criteriosa, distinguir o que é antigo do que é velho. A Cronologia das Idades é a pesquisa (resumida) sobre as considerações de grandes autores que a história esquece de contar.

Agradeço a todos os articulistas colaboradores e a competente equipe da Atha Editora (Arthur e Ana Carolina) que tornaram possível essa audaciosa colaboração cultural da SBH para seus associados. Desejamos aos leitores um Feliz Natal e que tenham todos um fígado resistente às festas do Ano Novo.

Abraços

Heitor Rosa
Editor

Edna Strauss
Secretária Geral da SBH 2014/2016.
Hepatologista do Hospital do Coração.

Amigos da SBH

Estamos chegando ao final do ano com intensas atividades na SBH. Diferentemente dos primórdios da associação, quando a atividade principal e algumas vezes única era a organização do congresso bienal, neste ano de não congresso trabalhamos intensamente.

A Diretoria decidiu que, além de manter vários projetos em andamento, deveria inovar com inclusão de áreas que visam expandir a especialidade e fortalecê-la. As doenças do fígado são prevalentes, mas carecemos de profissionais devidamente preparados para seu diagnóstico e tratamento. Nesse sentido, a SBH vem oferecendo sua contribuição com a formação e treinamento técnico de hepatologistas para os novos centros de referência que estão sendo instalados inicialmente no Nordeste, mas difundindo-se já para a regiões Centro-Oeste e Norte. Ainda, após o sucesso do Simpósio do Nordeste, já estamos programando o Simpósio de Hepatologia do Centro-Oeste, que será em Brasília no início de março, e o Simpósio de Hepatologia do Sul, que ocorre simultaneamente com o 5º Encontro Luso-Brasileiro de Hepatologia, no final de março de 2015, em Porto Alegre.

Os meses de setembro e outubro foram profícuos em atividades da SBH, e quero destacar entre elas o II Fórum de Jovens Pesquisadores, com premiação concedida aos três melhores trabalhos. Recebemos 62 resumos de pesquisas, e 24 deles foram selecionados para uma apresentação oral. As sessões foram concorridas, ensejando oportunidade de ampla discussão dos mais diversos temas, desde hepatites virais, esteato-hepatite e complicações da cirrose até o transplante hepático, com pesquisas tanto clínicas quanto experimentais.

Buscando sempre melhorar o nível da hepatologia desenvolvida em nosso país, temos realizado reuniões para consenso e estabelecimento de diretrizes em relação às principais doenças hepáticas. Nesses últimos meses, tanto o carcinoma hepatocelular (em João Pessoa) quanto as doenças colestáticas e autoimunes (em São Paulo) foram debatidos por *experts* nessas áreas, para determinar qual a melhor conduta a ser estabelecida em nosso meio, na condução desses pacientes.

Agora em novembro, a SBH volta a participar da SBAD, o maior congresso de gastroenterologia do país, pois é fundamental mantermos o intercâmbio científico com nossos irmãos gastroenterologistas, já que esta tem sido a especialidade-mãe da grande maioria dos hepatologistas, muitos dos quais a exercem com muita propriedade, concomitantemente com sua atividade na hepatologia.

Quero ainda conclamar a todos a participar dos *webmeetings* sobre o tema "As novas terapias para a hepatite C" que ocorrem de meados de novembro a início de dezembro do corrente ano. Aproveite esta oportunidade para tirar suas dúvidas e informar-se sobre as novas drogas que estão chegando ao Brasil e irão facilitar em muito o tratamento de uma das mais prevalentes doenças do fígado.

Finalmente, conforme prometido, neste número do Boletim está a versão em português do programa preliminar do Simpósio Internacional sobre "Álcool, vírus e esteatose evoluindo para o câncer", que temos certeza que você vai adorar!

Até breve,

Edna Strauss
Secretária Geral da SBH

Patologia como sinônimo de doença

Patologia vem do grego *páthos*, doença, e *lógos*, estudo, tratado. Etimologicamente, portanto, significa estudo das doenças.

Define-se patologia como o ramo da medicina que descreve as alterações anatômicas e funcionais causadas pelas doenças no organismo. Divide-se em patologia geral, que estuda os mecanismos básicos das doenças, e patologia especial, que descreve as alterações de cada órgão ou aparelho. Quando se ocupa das alterações anatômicas, macro e microscópicas, recebe a denominação de anatomia patológica, e quando tem por objeto as alterações fisiológicas, a de fisiopatologia. O estudo das alterações produzidas nos tecidos pelas doenças constitui a histopatologia, e das alterações celulares, a citopatologia ou patologia celular. Quando nos referimos às patologias cirúrgica, obstétrica, pulmonar, ocular etc. estamos nos referindo ao estudo das alterações encontradas nas doenças cirúrgicas, obstétricas, pulmonares, oculares etc.

Além de significar o estudo das alterações produzidas no organismo pelas doenças, o termo patologia é também utilizado para designar essas mesmas alterações. Ex.: patologia da hipertensão arterial, patologia da febre tifoide, patologia da doença de Chagas etc. Não deve, entretanto, ser usado como sinônimo de doença, sobretudo no plural, como ocorre frequentemente.

Exemplos:

"A patologia deste doente parece ser uma virose."
"O diabetes tem uma patologia complexa."
"As patologias mais comuns na infância são as gastroenterites e as amigdalites" etc.

Joffre Marcondes de Rezende
Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Em nenhum dicionário, especializado ou não em termos médicos, encontra-se averbado o termo patologia como sinônimo de doença, enfermidade ou afecção. Dizer que o paciente tem uma patologia, como adverte o Prof. Idel Becker, seria o mesmo que dizer que o paciente tem uma cardiologia em lugar de uma cardiopatia.[1]

O mesmo desvio semântico é encontrado em espanhol e em inglês, o que torna mais difícil sua rejeição em português.

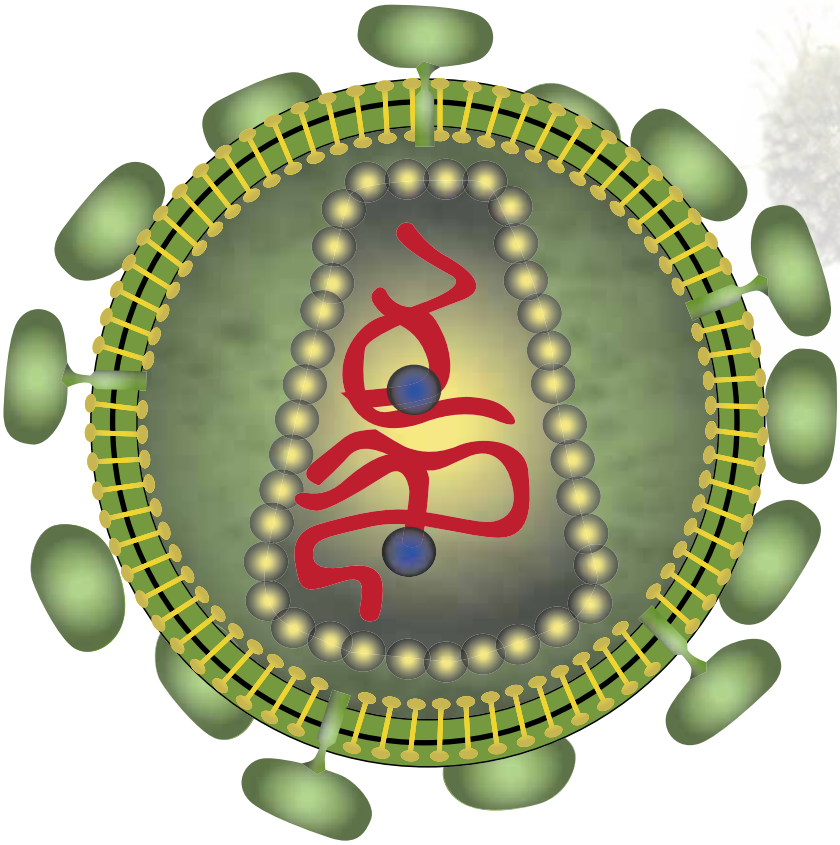
Em uma pesquisa na internet, realizada no *site* de busca Google[2], encontramos a seguinte frequência com que são empregados outros termos em substituição à doença, dentre os quais patologia:

Em português	Em espanhol	Em inglês
Doença: 88.900 vezes	Enfermedad: 239.000 vezes	Disease: 584.000 vezes
Patologia: 4.060 vezes	Patología: 15.800 vezes	Illness: 82.900 vezes
Enfermidade: 3.440 vezes	Moléstia: 4.700 vezes	Pathology: 8.000 vezes
Afecção: 831 vezes	Dolencia: 631 vezes	Affection: 5.310 vezes
Moléstia: 385 vezes		

Possivelmente, estamos diante do que os linguistas chamam de neologismo de significado: a mesma palavra incorpora outro significado além do primitivo, tradicional. Como a evolução semântica das palavras é imprevisível, bem pode ser que tenhamos no futuro de acrescentar mais um significado à palavra patologia. A boa linguagem, vernácula, correta, no entanto, pelo menos por enquanto, não incorpora este novo significado de patologia.

Referências

1. BECKER, Idel - Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil. São Paulo, Liv. Nobel, 1968.
2. INTERNET - Site de busca GOOGLE. Consulta em 11/06/2005.



Envelope viral

Os vírus são constituídos basicamente de um núcleo de DNA ou RNA, circundado por uma camada proteica, denominada capsídeo ou cápside, formada de unidades chamadas capsômeros. Determinados vírus possuem ainda uma segunda capa de revestimento externo, a que se denomina, em inglês e francês, de envelope, de natureza proteica, glicoproteica e lipídica, derivada principalmente da membrana das células do hospedeiro.[1,2]

Deveríamos manter, também em português, a denominação de envelope?

A palavra envelope, de origem francesa (*enveloppe*), foi introduzida em português no final do século passado, como um galicismo desnecessário, competindo com sobrescrito e sobrecarta. Os léxicos de Moraes Silva,[3] Constâncio,[4] Faria,[5] Domingos Vieira,[6] Lacerda[7] e Aulete[8] não a registram. Adolpho Coelho a menciona como um termo francês "a que se deve preferir sobrescrito".[9] Aparece em 1940 no *Dicionário de Galicismos*, de Carlos Goes, que opta por sobrecarta.[10]

Apesar da resistência dos puristas da língua, a palavra envelope foi assimilada e adaptada ao português, substituindo sobrescrito e sobrecarta.

"Atualmente não há que pensar em galicismo no uso desta palavra", conclui Napoleão Mendes da Almeida.[11]

O seu significado, no entanto, restringe-se ao de sobrecarta. Outra única acepção foi registrada por Laudelino Freire em seu *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* e, depois dele, por outros lexicógrafos, a saber: "placa fina de ferro que forma o invólucro externo das caldeiras das locomotivas e recobre uma camada de asbesto ou de outra substância atérmica".[12]

Do francês, a palavra *enveloppe* passou para o inglês no início do século XVIII, tendo sido incorporada e adaptada ao léxico desse idioma, com a grafia de *envelope* ou *envelop*. Tal como em francês, a palavra *envelope,* em inglês, caracteriza-se por sua extensa polissemia, com múltiplas acepções, sendo usada em sentido genérico como sinônimo de camada, capa, cobertura, envoltório, invólucro. Em biologia é empregada para designar qualquer estrutura que recobre outra, seja substância química, matéria orgânica, membrana, túnica, tegumento etc.[13,14]

Assim, ao ser descrita a camada de revestimento externo que envolve o capsídeo, nada mais natural que fosse a mesma chamada, em inglês, de *envelope*.

A simples transposição, neste caso, do vocábulo *envelope* para o português é uma falsa tradução. É um exemplo típico do que se convencionou chamar nas traduções de falsos cognatos – palavras morfologicamente semelhantes nos dois idiomas, porém diferentes do ponto de vista semântico.

Envelope, em inglês, não é apenas envelope, mas também invólucro, receptáculo, capa, cobertura externa e bolsa, adverte Agenor Soares dos Santos em seu *Guia Prático de Tradução Inglesa*.[15] Esse autor cita, como exemplo, a seguinte frase em inglês: *"The envelope of air around the earth"*, que, certamente, deve ser traduzida por "a camada de ar em torno da Terra" e não por "o envelope de ar em torno da Terra". Veja-se a semelhança com o seguinte trecho que se lê à página 7 do livro *Clinical Virology*, de Debré e Celers: *"Certain viruses possess an envelope around the capsid..."*[1]

> *Apesar da resistência dos puristas da língua, a palavra envelope foi assimilada e adaptada ao português, substituindo sobrescrito e sobrecarta*

No livro *Virologia*, de D. Falke, traduzido do alemão para o português e revisto pela Profª. E. Kirchner, do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo, foi usado envoltório em lugar de envelope.[2]

A menos que se queira enriquecer o "portuglês" que hoje domina a linguagem médica ou atribuir à palavra envelope uma nova acepção, transformando-a em termo de biologia com significado específico no campo da virologia, a melhor tradução será envoltório ou, como alternativa, invólucro.

Outra denominação que poderia ser usada, muito mais científica e universal, adaptável a todos os idiomas de cultura, é *peplos,* proposta por Lwoff e Tournier.[15] *Peplos* é uma palavra grega que significa manto.[17] À semelhança do capsídeo, o *peplos* também seria formado de unidades: os peplômeros.

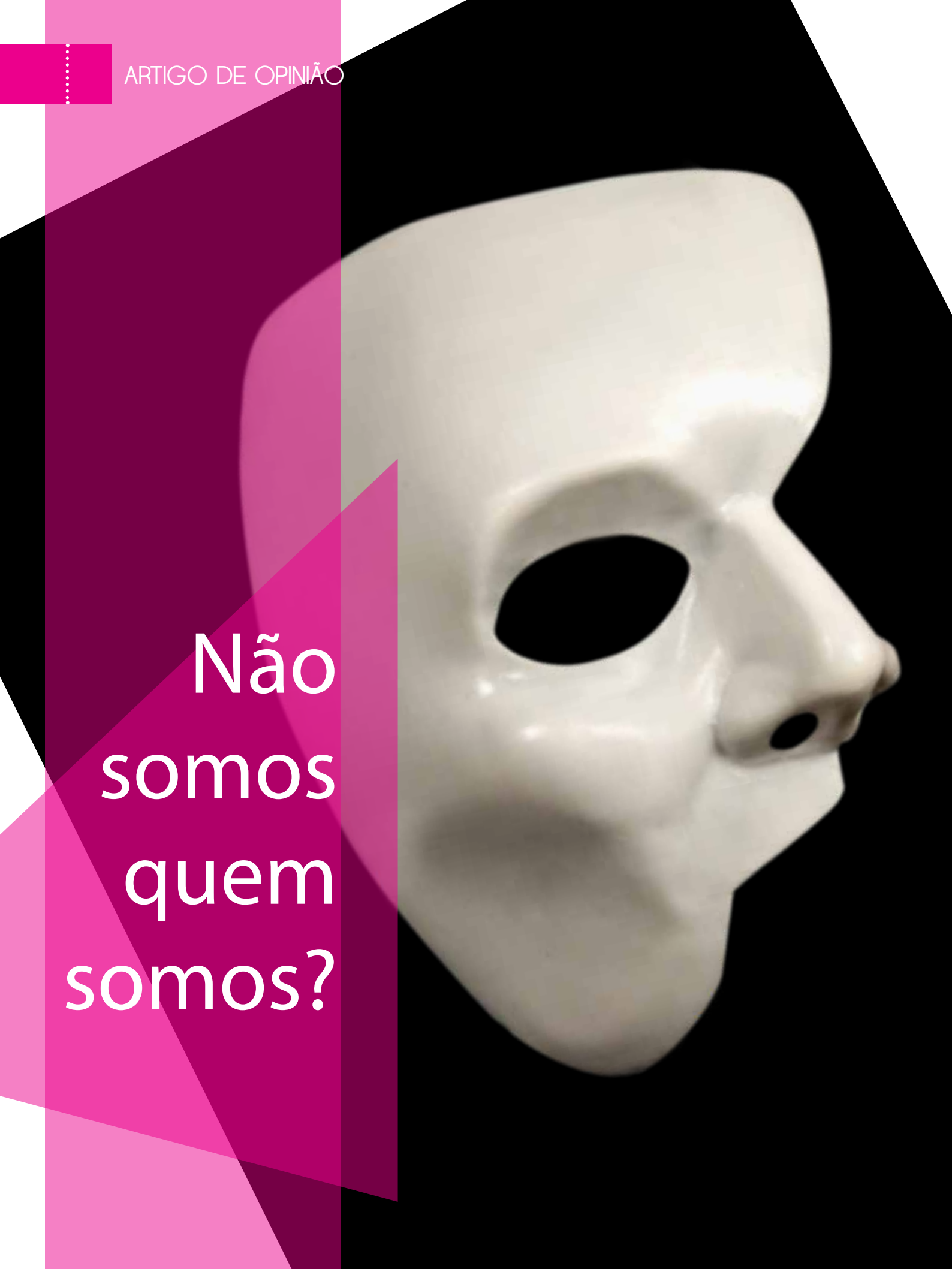
O termo peplos encontra-se registrado nos melhores dicionários médicos da atualidade.[18,19]

Modificado do livro Linguagem Médica, 2. ed. Goiânia, CEGRAF, UFG de Goiás - http://www.jmrezende.com.br/

Referências

1. Debré, R., Celers, J. Clinical virology. Philadelphia, W.B. Saunders Co., 1970, P. 7.
2. Falke, D. - Virologia. São Paulo, EPU-Spring-Edusp, 1979, P. 4.
3. Moraes Silva, A. Dicionário da língua portuguesa. Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813.
4. Constancio, F.S. Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 3.ed. Paris, Angelo Francisco Carneiro, 1845.
5. Faria, E. Novo dicionário da língua portuguesa, 2 ed. Lisboa, Typographia Lisbonense, 1856.
6. Vieira, D. Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa. Porto, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.
7. Lacerda, J.M.A.A.C. Dicionário enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa. Lisboa, F. Arthur da Silva, 1874.
8. Aulete, F.J.C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa, 1881.
9. Coelho, F.A. Dicionário manual etimológico da língua portuguesa. Lisboa, P. Plantier Ed., 1890.
10. Goes, C. Dicionário de galicismos. Rio de Janeiro, 1940
11. Almeida, N.M. Dicionário de questões vernáculas. São Paulo, Ed. "Caminho Suave" Ltda., 1981.
12. Freire, L. Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1957.
13. Oxford english dictionary (Shorter), 3.ed. Oxford, Claredon Press, 1978.
14. Webster's third new international dictionary. Chicago, Enciclopedia Britanica Inc., 1966.
15. Santos, A.S. Guia prático de tradução inglesa. São Paulo, Cultrix-Edusp, 1981, p. 175.
16. Lwoff, A., Tournier, P. The classification of viruses. Ann. Rev. Microbiol. 20:45-74, 1966.
17. Bailly, A. Dictionnaire grec-français, 16. ed. Paris, Lib. Hachette, 1950.
18. Dorland's illustrated medical dictionary, 28th ed. Philadelphia, W.B. Saunders Co., 1994.
19. Stedman Dicionário médico, 25.ed. (trad.). Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S.A., 1996.

Não somos quem somos?



O uso de máscaras faz parte da história da humanidade. Aliás, isso vem de antes ainda, desde a pré-história, como nos mostram as pinturas rupestres, por meio das quais se sabe que, nos seus rituais, os primitivos se pintavam, dando, com isso, vida a seus mitos, cujos mistérios representavam.

Foi com o teatro grego, porém, há cerca de 2.500 anos, que o uso de máscaras ganhou força nas representações cênicas de comédias e tragédias. Um mesmo ator, com máscaras diferentes, conforme o contexto cênico, poderia assumir papéis diferentes, expressando-se como personagens (do latim: *persona*, ou seja: máscara) diversos.

O que nós conhecemos, em geral, dos atores são as máscaras, os personagens que lhes dão identidade, o que, às vezes, lhes é penoso. Fernanda Montenegro, por exemplo, nos mostra isso, na coluna de Mônica Bergamo, da *Folha de São Paulo*, de 10/11/2011, referindo-se ao fato de ser conhecida como a "grande dama do teatro": "Acho uma merda. É como se me tirassem de uma pessoa e me transformassem em uma personagem".

Na verdade, se pararmos para refletir um pouco sobre isso, evitando, por extrapolar as modestas pretensões deste texto, recorrer aos ensinamentos de Freud, sobre pulsões, princípio do prazer, princípio da realidade etc., e de Winnicott, sobre o verdadeiro e o falso *self* – não há, provavelmente, quem não represente, ao longo da vida, como autênticos personagens, uma infinidade de papéis – o pai, a mãe, o filho, a filha, o professor, a professora, o médico, a médica, o advogado, a advogada, o engenheiro, a engenheira, o padre, a freira, o gari, a gari, o cozinheiro, a cozinheira, o empresário, a empresária, os políticos etc. etc. etc. –, cada qual com suas vestimentas próprias, sua mímica, sua linguagem, seus gestos e feições estimulados pelo meio e o momento, mesmo que não o percebamos. No caso, porém, das pessoas (máscaras) famosas e importantes – o papa e seus acólitos, a rainha e seus pajens, os atores e seu carisma, por exemplo – isso é mais notório e contundente: o Frank Sinatra que conhecemos, com seu brilho de cantor, não é o Frank Sinatra envolvido com a

máfia, sofrendo com bebidas e drogas, cheio de problemas na intimidade; a Marilyn Monroe que admiramos nos seus melhores e mais aclamados papéis não é a Marilyn Monroe das drogas, da mãe morrendo em condições muito tristes, não é a Marilyn que, enquanto brilhava na tela, morria tão jovem em circunstâncias não de todo esclarecidas. E exemplos como esses podem ser mencionados às dúzias.

Por detrás das pessoas dos personagens não se conhecem, com efeito, os "eus" e as vidas que essas pessoas (máscaras) escondem, mascaram, como forma, às vezes, de assegurar a esses "eus" a sobrevivência, ou apenas a possibilidade de se afirmarem no meio social. "A máscara" – diz Amleto Sartori, no *Discurso sobre as Máscaras*: – "não é somente um jogo de aspirações (como gostaríamos de ser; quais jogos queremos realizar, quais sensações desejamos transmitir), mas também uma liberação do vínculo com a sujeição, o fingimento, o pudor, a timidez e a simulação. É como falar e agir com a segurança da impunidade". E o mais interessante, recorrendo ainda a Sartori, é que "... na prática, a máscara condiciona os movimentos do ator". [1]

"Por detrás das pessoas dos personagens não se conhecem, com efeito, os "eus" e as vidas que essas pessoas (máscaras) escondem"

Joel Pimentel de Ulhôa
Doutor em Filosofia pela USP, autor de livros de filosofia, especialmente sobre Rousseau, e tradutor do original alemão da primeira parte d'O Capital, de Karl Marx.

Será – e aqui eu me pergunto, repetindo, para estimular a reflexão – que todos nós não somos, sempre, inevitavelmente e desde criancinhas, personagens, atores desempenhando papéis com máscaras que o meio impõe, representando esses papéis, às vezes inconscientemente, como ato reflexo das circunstâncias? Um amigo médico, a propósito, referindo-se aos problemas naturais do envelhecimento humano, me escreveu, há alguns dias: "... conseguimos, é verdade, disfarçar a corrida do tempo (é proibido parecer velho), pintamos os cabelos, usamos *botox* (para esconder um pouco as rugas), fazemos uma plástica etc." Belos exemplos de maquiagem!

Para Whitehead, a "função primordial da Razão é direcionar o ataque ao meio ambiente", posto que é a ela que compete, segundo ele, "a promoção da arte da vida", a qual depende desse "ataque ao meio ambiente", num impulso "desdobrado em três etapas: (I) viver, (II) viver bem, (III) viver melhor", o que resulta em que "a arte da vida consiste em: *primeiro*, estar vivo; *segundo*, estar vivo em condições satisfatórias; e *terceiro*, conquistar um aumento de satisfação", estando nisso a função da Razão.[2]

Parece ser assim a vida: será, mesmo, que somos autenticamente sociais, no sentido que tradicionalmente se atribui à ideia de ser social? Qual é e como é, de fato, a relação de cada um consigo mesmo e com o outro? Será a sociedade apenas palco de um grande ritual, de um grande jogo cênico, onde paira no ar a sensação do "salve-se quem puder"?

Pesquisadora do comportamento humano, apresentada e entrevistada pela revista *Isto é*[3], a americana Marian Salzman responde o seguinte a uma das perguntas: "Os críticos dizem que as redes sociais são, na verdade, antissociais. Acho que elas são sociais de uma maneira nova. Se você está em contato com seus amigos, não dá para dizer que você não está sendo social, você só está sendo social de outra maneira".

Resposta interessante: então há várias maneiras de ser social? Qual é a minha, qual é a "normal", eu me pergunto, e o que tem isso a ver, de fato, com a minha natureza? Então, a sociabilidade estaria na espécie de rede social que se inventa, se cria, se usa? Não seria, apenas, essa admissão de maneiras novas de se ser social, pura e simplesmente, um adendo significativo à hipótese de que somos sociais não por natureza, como tradicionalmente se afirma, mas porque, dotados da capacidade de pensar, virtude que parece faltar aos outros animais, criamos, com a energia racional estimulada pelo pensamento, instrumentos e recursos eficazes de autoproteção, de comunicação e de afirmação humana, segundo o meio e as circunstâncias em que vivemos? Valeria a pena, diriam alguns, ficar remoendo isso? Não sei, mas eu não consigo deixar de fazê-lo, porque me fascina a procura da verdade, em qualquer campo, inclusive naquele em que parece dominar o óbvio. Considero inspiradora a pergunta de Pilatos a Cristo – *Quid est veritas?* –, até hoje sem resposta. Afinal, em qualquer área, quem é capaz de dizer, sem cientificismos ingênuos, sem pragmatismos e positivismos radicais, com certeza absoluta, o que é a verdade?

A Antropologia ensina que algumas tribos aparentemente não sentiram necessidade da afirmação da individualidade, embora dela tivessem consciência, e essa não afirmação era algo, provavelmente, que não lhes trazia qualquer problema. Essas tribos viveram intensamente a experiência do "nós".

Talvez, fraternidade seja isto: o indivíduo se despojar, inteiramente, de suas máscaras, romper as prisões do eu e mergulhar no "nós", desapegando-se de si mesmo para pôr-se a serviço do outro, sem máscara, sem preocupação com efeitos cênicos ou em ser pessoa num ritual.

O mal, com efeito, parece não estar nas pessoas em si, mas na relação que as pessoas mantêm entre si. Nossas relações envolvem nossos sentimentos: sentimentos de ódio, de amor, de admiração, de inveja, de medo, de alegria, de tristeza, e basta que meditemos um pouco sobre cada um desses sentimentos para percebermos como cada um deles determina o que as pessoas que os possuem são: se os laços que nos unem são de alegria, somos alegres, de bondade, somos bons, de ódio, somos maus, de medo, somos tomados pela emoção de ameaçados. Mudar o mundo é possível se a estrutura das relações interpessoais mudar, e nisso está, talvez, a base da sabedoria: onde há o ódio, fazer que haja amor, onde há a inveja, o altruísmo, onde há a tristeza, a alegria, onde há o medo, a coragem... A oração de São Francisco é mesmo muito sábia.

> *"E isso pode ser uma conquista da nossa racionalidade. Não pensamos porque somos racionais, mas, ao contrário, somos racionais porque pensamos"*

E isso pode ser uma conquista da nossa racionalidade. Não pensamos porque somos racionais, mas, ao contrário, somos racionais porque pensamos. O pensamento é anterior à razão e surge por necessidade. O homem é o único animal que tem necessidade de pensar. Os demais, por sua constituição natural e pelo tipo de carência que tem, sobrevivem perfeitamente com seus instintos. Isso não acontece com o homem: se ele não se "armasse" com o pensamento, desapareceria. E é aqui, talvez, que entram as máscaras. O que chamamos de razão parece ser mais uma disposição natural para reagir aos perigos da extinção com meios outros, como as máscaras, por exemplo, além dos instintos, e que nos conferem uma certa astúcia, uma certa capacidade de prever, planejar e agir do modo que chamamos de racional, sendo, porém, prudente que não nos esqueçamos de que já Aristóteles ensinava que pensamos com imagens, o que significa que nossa racionalidade não é, no fundo, tão objetiva, tão competente quanto às vezes julgamos que seja ou quanto gostaríamos que fosse[4,5], como adverte, aliás, Roger Garaudy: "[...] cada classe social no curso da história chama de *racional* aquilo que está de acordo com os seus interesses de classe"[6].

E é aqui, também, um bom lugar para a advertência de John Steinbeck, em seu belo *As Vinhas da Ira*: "Se tu souberes separar causas de efeitos, se tu souberes que Paine, Marx, Jefferson, Lênin foram efeitos e não causas, sobreviverás. Mas tu não poderás saber disto, pois que a qualidade de 'dono' mergulha-te sempre no 'eu' e sempre te isola do "nós"[7] .

Não deixa de ser triste, se assim for, mas o que andamos vendo pelo Brasil e pelo mundo não desmente muito essa sensação, a ponto de podermos, sem muito equívoco provavelmente, suspeitar que não somos mesmo sociais por natureza, mas sociais apenas por jogo cênico. Será mesmo que não somos quem somos? Como é que fica nossa noção de eu nessa história? E nós, educadores, como enfrentamos essa questão[8]? Não podemos nos esquecer do poeta dos heterônimos (máscaras!) Fernando Pessoa, com um pedacinho só de "Tabacaria", de Álvaro de Campos:

"Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!"

Não ignoro que a hipótese diretriz desse texto – ou seja, a de que não somos sociais por natureza – é um tanto polêmica, mas aprecio textos polêmicos, pois sempre deixam no ar a possibilidade de avançar, por meio, inclusive, das contestações e das divagações que a leitura eventualmente pode provocar, o que entendo ser uma das funções básicas da educação: energizar o pensamento para alimentar a razão!

Mas, por isso mesmo, por que não fechar com Teilhard de Chardin? "Peguei na lâmpada e deixando a zona, aparentemente clara, das minhas ocupações e relações quotidianas, desci ao mais íntimo de mim mesmo, ao abismo profundo donde sinto confusamente que emana o meu poder de ação. Ora, à medida que me afastava das evidências convencionais que iluminam superficialmente a vida social, notei que escapava a mim próprio. A cada degrau que descia, descobria em mim outra personagem cujo nome não podia dizer exatamente e que já não me obedecia, e quando tive que parar a minha exploração porque me faltou caminho debaixo dos pés, tinha à minha frente um abismo sem fundo donde saía, vinda não sei donde, a vaga que ouso chamar a minha vida" [9].

Referências

1. http://formasanimadas.wordpress.com/2010/08/13/discurso-sobre-as-máscaras/.
2. Whitehead, A. N. *A Função da Razão.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
3. *Istoé* (nº 2267, 1º/05/13, p. 10).
4. Aristóteles. *Del Alma,* em OBRAS. Madrid: Aguilar, 1973.
5. Aristóteles, cap. 7, e MANGUEL, 2011, p. 21).
6. Garaudy, R. "Sobre o fundamento da moral", in: Rio de Janeiro: *Revista Civilização Brasileira,* ano I, nº 4, setembro/1965, p. 291-312.
7. Steinbeck, John. *As Vinhas da Ira.* São Paulo: Abril Cultural, 1982, volume I, cap. XIII, p. 199.
8. Manguel, Alberto. *Lendo Imagens.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
9. Chardin, Teilhard de. *El Medio Divino.* Madrid: Taurus, 1965.

A cronologia das idades do homem

Heitor Rosa
Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

A convenção de tempo, entre outras coisas, é usada para estabelecer as idades do homem. O ser humano tem ânsia de se conhecer pela idade ou pelo comportamento e aplica para isso o recurso do conceito cronológico de idade, "os anos de idade". Uma das fases mais convencionais e sistematizada é a que se refere à infância, adolescência, maturidade e velhice.

Para cada fase ou idade o ser humano adquire uma nova postura, com características próprias, para o que o antropólogo social van Gennep[1], em 1909, criou a expressão *les rites de passage* (ritos de passagem) buscando expressar cada uma delas.

O rito de passagem é um fenômeno social, cronológico, biológico ou psicológico? O rito social refere-se a eventos como batizado, casamento, formatura, morte etc. O cronológico, orienta-se pelos aniversários, pelos números de anos que as velas sobre o bolo ostentam; obedece ao tempo ou ao relógio. O biológico parece mais racional, pois reúne a fisiologia à psicologia: a criança aprende a andar; a menina deixa a boneca e descobre a menarca e o menino descobre a masturbação; os adultos se casam e, maduros, podem tornar-se homens ou mulheres profissionais de sucesso; para tornar-se idoso é necessário achar-se idoso, pois é difícil definir quando começa esse período. Idoso refere-se à idade, sem existir a melhor ou a pior. Se admitimos a terceira idade, então temos duas alternativas: ou só existem três idades (jovem, adulto e idoso) ou outra após a terceira. Quarta idade? O termo idoso deriva de idade e cada um tem a idade que pensa ter, sem ficar preso à cronologia. O velho é o aspecto, a aparência, é fenótipo dependente da forma de vida. Quantos "idosos" parecem jovens e quantos jovens parecem velhos! ...

Por que o ser humano preocupa-se tanto com a idade? Para melhor cuidar da saúde? Para estudar os caracteres? Para uma integração correta nas convenções sociais ou para valorar seus heróis ou sábios? Evidentemente não há uma resposta única e várias outras podem ser acrescidas.
Como têm sido consideradas "idades" através da História? Temos os registros que consideram *Quatro as idades* do homem; outros referem-se a *Sete idades*; usou-se também correlacionar os caracteres com as idades, e, sem considerar outros registros ou filosofias, chegamos às considerações das idades na época atual. Vamos considerar cada uma de acordo com o período em que foi escrita.

As idades segundo Ptolomeu

Claudius Ptolomeus (100-178 A.D) nasceu em Alexandria e é considerado um dos grandes filósofos do mundo antigo. Escreveu vários livros, tais como o Almagest (compêndio de astronomia grega), Geografia, Optica, Planispherium, e, a que vamos nos referir, *o Tetrabiblos*[2] *(Quatro Livros)* que se refere à Divisão periódica do tempo.
Ptolomeu considera sete idades para o homem, que seriam reguladas pelos sete "planetas", incluindo o sol e a lua:
Infância – do nascimento aos 4 anos, regulada pela Lua e suas 4 fases adaptadas à idade da criança: fase "úmida", de crescimento rápido, nutrida por coisas úmidas.
Segunda idade – continua por 10 anos *(4-14 anos),* regida por Mercúrio. Período de desenvolvimento intelectual, caráter, aprendizado, disciplina e exercícios.
Terceira idade – sob a orientação de Vênus, segue até aos 18 anos. Corresponde ao "movimento seminal", impetuosidade e os primeiros amores.
Quarta idade ou adulta – regida pelo Sol, tem a duração de 19 anos (18 aos 37 anos). Corresponde às ações de autoridade, comando, glória, desejo de honrarias.
Quinta idade – regida pelo planeta Marte, continua por 15 anos (37 aos 52 anos), sujeita a muitos incômodos, vida austera e perturbada.

> *"Por que o ser humano preocupa-se tanto com a idade? Para melhor cuidar da saúde? Para estudar os caracteres? Para uma integração correta nas convenções sociais ou para valorar seus heróis ou sábios?"*

A Sexta idade – dominada por Júpiter, o qual influencia a maturidade durante 12 anos (52 aos 64 anos), caracterizada pelo abandono do trabalho (aposentadoria), prudência, esperteza, antevisão e aquisição de privilégios e respeito.
Na *sétima idade* – Saturno cuida da velhice, do final das idades. Ele dificulta a atividade mental e intelectual, tornando o homem pouco mais do que um imbecil.

O Venerável Beda

Beda (673-735), monge beneditino, também chamado de Venerável Beda, é considerado o primeiro historiador inglês, tendo escrito 35 livros, dentre os quais seis relacionavam-se à cronologia. Um deles, *De temporum ratione* (Sobre a contagem do tempo - 725) foi uma de suas obras primas na qual tentou fazer uma cronologia do mundo e do homem. Foi ele quem introduziu na Inglaterra a referência "d.C" (depois de Cristo ou A.D, *Anno Domini-ano do Senhor)* que havia sido sugerida por Dionísio, o Pequeno, duzentos anos antes. Esta referência logo foi adotada nas datações da era cristã, ou seja, a partir do ano da "Encarnação de Cristo". Em seu maravilhoso livro *Ecclesiastical History of the English People*[3]*,* Beda retoma as ideias Pitagóricas (sec VI a.C) e descreve as *Quatro idades do homem (Infância, Juventude, Maturidade e Velhice),* relacionando-as ao número cabalístico *quatro,* pois quatro são os pontos cardeais; quatro são os elementos do universo: terra, água, fogo e ar; quatro os humores humanos descritos por Hipócrates; quatro são as estações do ano; quatro são as fases lunares. No século XIII, John Russel[4] compara as quatro idades propostas por Beda como quatro pratos de um banquete, relacionando a idade do homem aos quatro elementos do universo. O primeiro prato era servido mostrando um - "*galant young*" sobre as nuvens (primavera- elemento ar- humor sanguíneo)*;* o segundo prato, em chamas, representando um homem guerreiro – *"a man warre" (*verão, humor colérico); o terceiro prato era

O venerável Beda

> *O tempo é algo abstrato e apenas serve às conveniências humanas, mas não tem significado diante da infinitude do universo*

decorado com a figura de um homem com uma foice, de pé num rio – *"a sickle in his hand"* (água, outono, humor fleugmático); o último prato significava o inverno, representado por ervas aromáticas e vinho, na forma de um homem velho e fraco (humor melancólico).

O retorno às sete idades

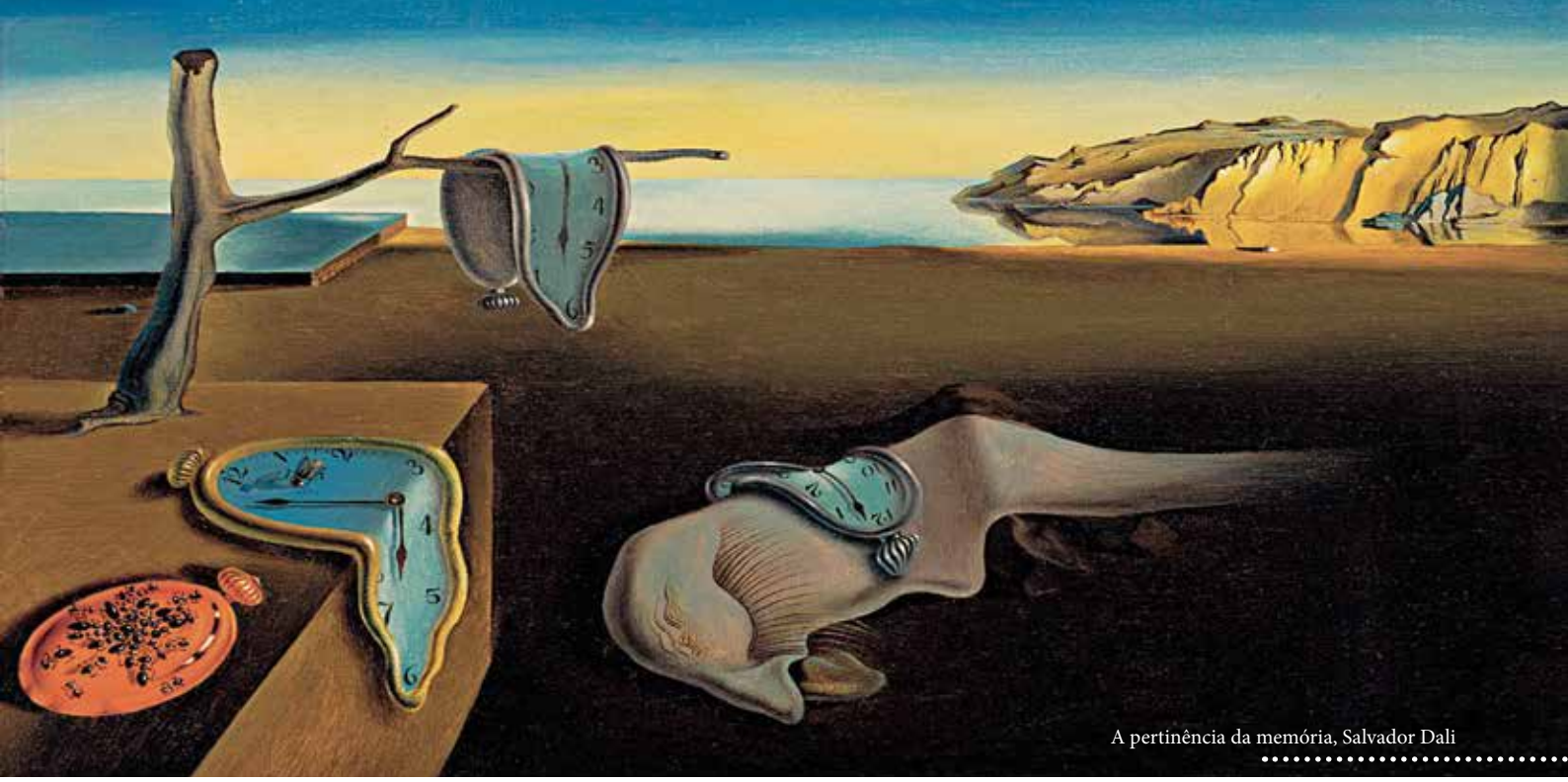
Mil e seiscentos anos mais tarde, W. Shakespeare volta a se referir às "*Sete idades do homem*", descritas por Ptolomeu (Tetrabiblos) na peça "*As you like it*" (Ato II, cena 7)[5], no grande discurso de Jaques:

"*O mundo todo é um palco e todos homens e mulheres são meramente atores com entradas e saídas de cena, e durante a vida o homem tem diversos papéis. Ele atua em sete idades:*

Infant (criança) – dependente dos cuidados da ama; *school-boy* - com sua mochila vai a contra-gosto à escola; *lover* (enamorado) - suspirando com ardor por sua amada; *soldier* (soldado) - jura lutar com a valentia de um leopardo em nome da honra; *justice* (juiz) - com roupas formais, ar grave e estômago cheio; *spectacle on nose* – sexta fase que corresponde ao uso de óculos, de pijama e chinelos, fuma cachimbo e tem os gestos e andar trêmulos; *second childishness* (segunda infância) - para esta sétima fase retorna sem dentes, sem paladar, sem visão clara, sem nada.

Os caracteres segundo Aristóteles

Aristóteles descreve, em Arte Retórica e Poética,[6] um capítulo denominado *Os Caracteres,* no qual considera três idades do homem: a juventude, a idade adulta e a velhice, que foi tema de um quadro de Ticiano. *Os jovens* são alegres, impetuosos para o amor, porém inconstantes e coléricos ao serem contrariados; são destemidos e amam a vitória, mas são crédulos; vivem de esperança e são fáceis de enganar. Não se importam com o belo e acreditam tudo saber. *Os adultos* têm para o corpo a idade de trinta a trinta e cinco anos, e para a alma (maturidade) cerca de quarenta e nove anos; possuem



A pertinência da memória, Salvador Dali

comportamento de equilíbrio, nem confiança excessiva nem temores exagerados; cultivam o belo e o útil; nem avarentos nem perdulários; pesam a coragem e a intrepidez. *Os velhos*, portanto a partir dos cinquenta, pela experiência da vida são cautelosos; têm opiniões mas nunca certezas e preferem dizer "talvez" ou "provavelmente"; são desconfiados e podem ter mau caráter; "amam como se um dia devessem odiar e odeiam como se um dia devessem amar"(*Biante de Priene, c.662 a.C., apud Aristóteles);* são mesquinhos por receio de perder seus bens; apegados à vida na proximidade da morte; vivem mais de recordações do que de esperanças; lamuriam-se e desprezam o riso e gracejos.

Conclusão

Desde épocas muito distantes, o homem preocupa-se com o tempo e, por meio dele, com as idades; porém há poucos séculos, desde Spinoza, Kant, Hegel, Schopenhauer até Hawkins, há uma negação da realidade do tempo. O tempo é algo abstrato e apenas serve às conveniências humanas, mas não tem significado diante da infinitude do universo. Muito interessante é o pensamento de McTaggart (1908)[7], cujo conceito de futuro, presente e passado, levam ao regresso infinito. Tomemos como exemplo uma partida de futebol na TV. "Esse evento é *presente*, foi *futuro* e será *passado*. Ser presente é *ser presente no presente*, *ter sido futuro no passado* e *vir a ser passado no futuro*". Ser presente no presente é ser presente no presente *no presente*, ter sido futuro no passado *no presente*, vir a ser passado no futuro *no presente* etc. Resumindo, levaremos a proposição ao infinito. Assim, para esse filósofo, o tempo não tem característica alguma, por ser irreal e por isso não existe, não passando de ilusão. Pergunte a um aborígene que nunca viu um relógio, quanto tempo se gasta para ir de uma aldeia a outra; o termo "tempo" o deixará confuso, mas pode-se obter uma resposta que servirá tanto para distância quanto para o tempo: "uma mudança de lua" ou "três anoiteceres" etc. A mesma coisa é perguntar pela idade. O velho é reverenciado pelo aspecto físico e não pelo "tempo de vida". A noção de tempo é totalmente diferente da cronologia do relógio para quem não o conhece, assim como a datação das estações do ano.

Aceitando-se o exercício bastante lógico de McTaggart, torna-se irrelevante e inútil a categorização que a sociedade moderna considera como maduro e idoso. Primeiro, definir quando ou com que "idade" o homem é velho. Arbitrariamente, estabeleceu-se 60 anos para a entrada nesta categoria, chamada de terceira idade. Segundo, ao se aceitar as três idades para o Homem, adjetiva-se como "melhor idade" a esse terceiro grupo, por meio de um sofisma, ou mesmo hipocrisia, do que se chama "politicamente correto". Com os avanços tecnológicos, da biologia molecular, da farmacologia e outros setores da ciência, o homem avança com qualidade de vida física e mental, independente do conceito cronológico.

Referências

1. van Gennep in Whitrow,GJ. Time in History (Views of time from prehistory to the present day). Oxford Univ Press. Oxford,1988.
2. Claudius Ptolomy. Tetrabiblos (Quadripartite).Trad.1ª Ed de 1822. Astrology Classics Pub.Bel Air,MD.2002.
3. Bede. Ecclesiastical History of the English People. Penguin Books. London.1990.
4. Wthitrow,GJ. Time in History- Views of time from prehistory to the present days. Oxford Univ Press, Oxford,1988.
5. W.Shakespeare. As you like it.The Complete Works. Collins. London.1978.
6. Tradução livre. Aristote.Art Rhétorique et Art Poétique–Ed. Garnier. Paris.
7. McTaggart,JE. The Unreality of time. Quart Rev Psychol and Philos,1908. 17:456-473.Transcr.hypertext by Chrucky.

Ilustração: Gustavo Santos Silva

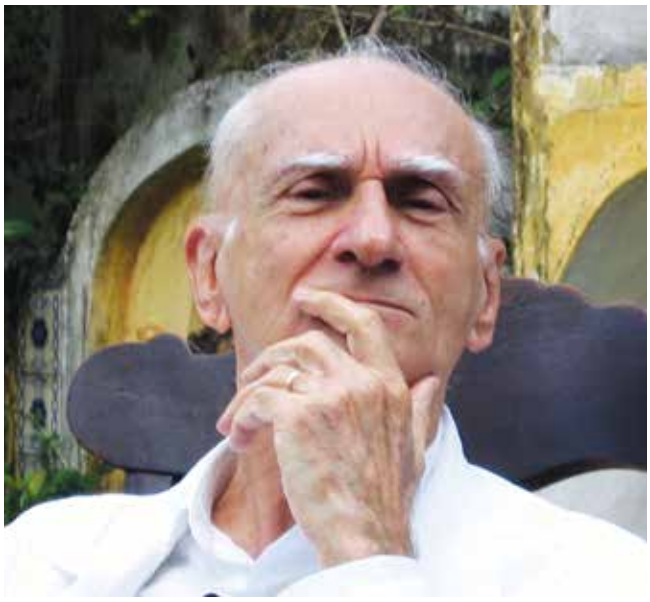
Ariano Suassuna

Ariano Suassuna declarava que sua poesia era a fonte profunda de tudo que escrevia. Poemas ligados ao romanceiro popular nordestino e à sua vida acrescentam ao arco-íris fantástico de sua obra o descortino de outros tesouros da sua alma. Poeta não é feito unicamente de palavras, senão de palavra acumpliciada à alma e à historicidade.

No último dia 23 de julho faleceu o poeta, o esteta, o prosador, o contador de histórias e estórias, o dramaturgo e escritor nascido na Paraíba, dona de suas primeiras grandes angústias, com o assassinato de seu pai, dona também de uma parte incalculável do seu coração, do seu fígado bilioso que se aparta para o Recife e que encontra o modo de regenerar, numa ficção fadada a muito mais do que ao encantamento do mundo literário, teatral e cinematográfico.

Desse colo que o pernambucano enfeitou com bicos, rendas, chita e fitas coloridas e alvo lençol de algodão, talvez vindos às escondidas de Taperoá, para fazê-lo filho, sem negar-lhe as origens, nasce a identificação e a alma recifense. Desse homem ariano espoca a semente dessa miscigenação nordestina, tão tantos e cheios de simbolismo que somos.

Waldir Pedrosa Amorim
Hepatologista, poeta de enorme talento e cultura poética.



Ariano Suassuna

Dela o desejo e a idealização do Movimento Armorial, com o objetivo de, partindo dos elementos da cultura popular do Nordeste, criar uma arte erudita em todas as suas expressões: música, dança, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, entre outras.

Deve-se a Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho a criação do Teatro Popular do Nordeste, o famoso TPN, na Avenida Conde da Boa Vista, em Recife, como anteriormente, quando estudantes, a do Teatro do Estudante de Pernambuco.

Destacamos dentre as tantas obras de Ariano os romances *A História de Amor de Fernando e Isaura*, (1956), *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, (1971), *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão/ Ao Sol da Onça Caetana* (1976) e a *Seleta em Prosa e Verso*, da qual extraímos parte do que aqui transcreveremos em sua homenagem e para que o leitor tenha o deleite de sua talvez menos conhecida face de poeta.

No teatro, no cinema e na televisão foi montada sua obra mais conhecida e tida como "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro": *O Auto da Compadecida*.

Consta que esse auto tenha precedido a conversão de Ariano ao catolicismo, pois tivera formação inicialmente calvinista e, posteriormente, fora agnóstico.

Suas aulas-espetáculo abarrotavam qualquer recinto, por maior que fosse. A derradeira que assisti foi na última Festa Literária Fliporto, em Olinda, onde discorria à vontade sobre D. Sebastião e o Sebastianismo.

Dimensionar perdas inelutáveis e acatar o nunca de novo é existencialmente difícil ao finito e mortal ser humano. Engendramos eternidades e distraímo-nos com os infinitos e tantas vezes aleatórios cardápios do viver. Seres sem escolha ao nascer, em nada influímos quando fomos gerados, tampouco como e por quem fomos criados, sob que condições e em que agrupamento social viveríamos, sequer; possuímos o dicionário das nossas heranças genéticas, aquisições por sucessão, transmissões pelas gerações anteriores, pela tradição, enfim, todos os legados inconscientemente e passivamente repassados. Creio que se fôssemos, com as mesmas características, o único exemplar no mundo, mesmo que imortais, nos extinguiríamos por uma solidão mais devastadora que a de estar sozinho: aquela que não dá azo à criação, à oportunidade de cogitarmos por outros além de nós, ao motivo de possuirmos esperanças nos seres fora de nós e especialmente pela falta de aquecimento, calor que emana dos que interagem conosco cara a cara, grupamento a grupamento, coletividade a coletividade, nacionalidade a nacionalidade, crença a crença, fé a fé, esperança a esperança, ideologia a ideologia e assim por diante. Felizmente, somos muitos e dependentes uns dos outros. E, ao contrário do que se apregoa, conhecemos e sentimos o significado do amor.

O mundo que habitamos, ao contrário de tornar-se uma torre de Babel pela sua diversidade étnica, linguística e cultural, tornou-se o palco no qual a ganância econômica e bélica de alguns subjuga e tenta dizimar, com todo o sofisticado engenho midiático e militar, um outro mundo que pode se autodeterminar e evoluir em todas as suas potencialidades sociais, humanas e culturais. Enquanto nós assistimos estupefatos a genocídios e crimes de guerra inomináveis, investidas de conquista e subjugo, sempre travestidos de razões maniqueístas a zombar da consciência humana.

> *"Dimensionar perdas inelutáveis e acatar o nunca de novo é existencialmente difícil ao finito e mortal ser humano"*

O mês de julho, antecessor do dito insalubre e miasmático mês de agosto deste ano de 2014 nos ceifou a presença, a inteligência e a sabedoria de outros três intelectuais brasileiros importantes e insubstituíveis no tornar mais aperfeiçoada nossa humanidade.

Começou no dia 8 com Plínio de Arruda Sampaio, respeitado político, cassado pela ditadura civil-militar de 1964, eleito em 1986 deputado federal constituinte, árduo defensor da Teologia da Libertação e da reforma agrária. Uma voz sempre atuante e respeitada junto aos jovens, ainda que aos seus 83 anos de vida, quando, no ano de 2013, foi às ruas no

Iluminogravura "O presépio e nós" de Ariano Suassuna

movimento contra o aumento da passagem. Foi-nos subtraída a convivência corajosa, cívica e vívida, com a esperança representada por sua coerente trajetória humana. Plínio deixou vários livros publicados, entre eles; *Por Que Participar da Política* e É o Brasil *Viável?*

Dez dias após, em 18 de julho, morre o escritor João Ubaldo Ribeiro, uma figura mais que importante da nossa literatura. Um representante de peso do romance moderno. Seus livros, como o premiado *Sargento Getúlio*, revelam traços da cultura brasileira, narrando a história de um sargento da polícia militar de Sergipe, trazendo às letras elementos tão tipicamente nordestinos, que ele próprio teve o imperativo de traduzi-lo para o inglês. Outro é *Viva o Povo Brasileiro,* premiado com o Jabuti e, junto com *Sargento Getúlio,* fez merecer constar da lista dos cem melhores romances brasileiros do século. Vários outros títulos da sua obra poderiam ser listados com idêntica ênfase. Antes de viajar a Berlim, li o seu delicioso *Um Brasileiro em Berlim* e fiquei orgulhoso de encontrá-lo nas livrarias daquela cidade.

> *Felizmente, somos muitos e dependentes uns dos outros. E, ao contrário do que se apregoa, conhecemos e sentimos o significado do amor*

Um traço típico de João Ubaldo, além de uma escrita rica e cativante do leitor, foi sua simplicidade, sobriedade e quase timidez, contrastando com a alma generosa, risonha, espirituosa e com sua riquíssima erudição e competência literária.

No dia seguinte, 19 de julho, a sabedoria perdeu um cicerone. Rubem Alves era uma fonte. Um espécime raro no mundo globalizado e enlatado. Tinha afeição por jardins, por música, por culinária, chegou a ter um restaurante. Com grande predileção pela poesia, mantinha um grupo, chamado Canoeiros, que se encontrava semanalmente para leitura de poesias.

Grande leitor, possuía o que outrora chamávamos de vasta cultura geral e que poderíamos traduzir por uma formação eclética, que percorria a teologia, a psicanálise, a sociologia, a filosofia, a literatura, a poesia e a educação. Tinha gosto por ensinar, por ensinar a ensinar; era um crítico arguto do modelo educacional vigente. Escritor prolífico, dedicava-se também à literatura infantil.

Foi autor do livro *Da Esperança (Teologia da Esperança Humana)*, pelo que, muitos estudiosos consideram-no uma das mais relevantes personalidades no cenário teológico brasileiro; o fundador da reflexão sobre uma teologia libertadora, que logo seria chamada de Teologia da Libertação.

Lê-lo ou ouvi-lo falar era instigante à inteligência e para que se refletisse sobre padrões diferentes, dos olhares tantas vezes sonolentos, imutáveis ou arraigados de preconceitos.

Legou-nos uma vasta escritura, palestras e aulas gravadas.

O humanismo sentiu uma lágrima rolar.

O amor

A morte

Décimas ante um retrato de Camões

Se, na noite de chuva, a Tempestade
em solitários galhos acoitados,
revivesse os Navios naufragados
e o travoso gemer da Soledade;
se, da grave assonância da Vontade
entrevesse se pudesse o sacrifício
nesse claro e cansado Frontispício
quem, mais do que teus Olhos, cantaria
da vida o Caso cego e a galhardia,
a Luz flamante e o sacro Desperdício?

Teus olhos! Mas quem pode apaziguá-los?
Se, num, a flecha agónica demora,
noutro há bruma, salgueiro e Harpa sonora,
entre os passos do Rei com seus vassalos.
O pó e o sangue, as patas dos Cavalos
repousam nesse sulco fatigado.
E, se o bravo Queixume informulado
evoca os destroços areais,
o ressonar dos Bosques provençais
doura na Morte a mágoa do pecado.

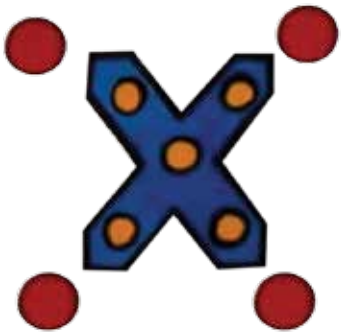
Pensar que foste criança e que aspiraste
o cheiro da Madeira mal queimada;
que, ao perseguir, insone, a Madrugada,
a chama do Desterro desejaste.
O Sal marinho, as folhas que esmagaste,
e vida e nome, pássaro e Memória.
Pois, se Fortuna e treva derrisória
urdiram tua Sorte alada e escura,
foi que o porvir tecera, na Espessura,
da Cadência já morta o Canto e a glória.

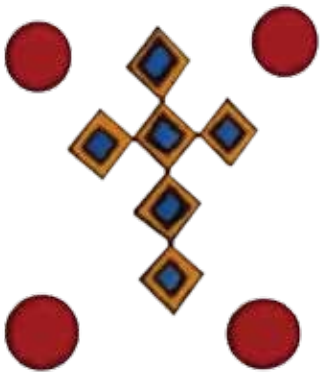
Pureza e dolo. A Sombra se amontoa
- destroço ressurreto e trespassado -
na prisão a quem a um tempo foste atado,
no Barco que te chama e te enevoa.
Debalde! A Fonte é cortadora Proa,
barba barroca é Quilha e madeirame.
E o Cedro, a Infanta, a coifa de beirame,
tudo isso e tudo mais que não se exprime
- que não se diz - e é o que talvez redime
o atravessar das águas e o Velame.

Assim, não mais o som desse Acalanto,
não mais o Apelo, só, do já passado:
que teu Anjo o receba, dissipado,
numa Páscoa de fogo e tenso Canto.
Pois se o Eco de sono e louro acanto
não te pôde levar o que pressente,
num sussurro fraterno e Sopro ardente
chegue a ti meu Duende extraviado
e o Sonho, anseio extinto e renovado,
que é Pena e mudez de meu presente.

Escritas por Ariano em forma de Martelo agalopado e enviadas a Aloisio Magalhães, em retribuição ao desenho que inspirou o poema. Essa inspiração no desenho de Camões, feito pelo artista plástico e designer pernambucano, possui exatidão a cada metáfora, num verdadeiro desenho da palavra e seu conteúdo musical e simbólico. De acordo com Silviano Santiago: "*Em lugar de um retrato físico do poeta (apesar das constantes alusões aos olhos), temos um retrato-verbal-e-simbólico em que o rosto de Camões se intromete no mundo mítico de Dom Sebastião, das viagens marítimas, e por fim se encontra metamorfoseado numa caravela (estrofe 4): a frente é proa; a barba é quilha, e os amores do poeta, cedro.*"

Décimas ante um retrato de Camões é um dos poemas mais bem realizados de Ariano Suassuna. Há meses o tenho lido e relido, impressionado. Pesquisando, descobri que fora inspirado por um desenho de Camões, feito por Aloísio Magalhães, artista plástico e designer pernambucano.





Imagens coligidas da Iluminogravura
"Amor e a Morte" de Ariano Suassuna

Cambridge

Francis Glisson

João Galizzi Filho
Hepatologista mineiro, estudioso da história desta especialidade, conta sobre os grandes personagens da Hepatologia mundial.

Glisson foi muito mais que *"o homem da cápsula"*.

Com efeito, pertence à casta de indivíduos com múltiplos talentos, e sua obra científica e cultural se desdobra em leque, eternizando-se e consagrando-o como clínico, fisiologista, anatomista, patologista e, até mesmo, segundo E.M. Little em 1926, como cirurgião ortopédico.

Teria nascido em 1597, possivelmente em Rampisham, Dorsetshire, Inglaterra, sendo o segundo filho de William Glisson e Mary, esta filha de John Hancock de Kingsweston, Somerset. William e Mary constituíram numerosa família, com nove filhos e quatro filhas. William teve ainda uma filha com a segunda esposa, Margaret Bampfield. No entanto, revisando a história, R. Milnes Walker propõe que Francis Glisson tenha nascido em 1598 ou 1599, em Bristol.

Obteve licenciatura em Cambridge em 1620/1621, concluiu o curso de mestrado, obteve bolsa de estudos para jovens em 1624 e incorporou-se à Universidade de Oxford em 1627. Ainda em Cambridge, lecionou grego em 1625 e 1626, foi reitor em 1629 e professor sênior de 1629 a 1634. Diplomou-se em Medicina em 1634, sendo aceito como candidato ao Royal College of Physicians of London em setembro de 1634 e como *fellow* em setembro de 1635. Foi eleito, entre 1660 e 1661, membro original da Royal Society. Concentrando a vida profissional e científica em Londres, tornou-se conselheiro do Royal College a partir de 1666 e presidente dessa instituição de 1667 a 1669. Após ser indicado como professor de anatomia, foi escolhido para proferir a Gulstonian Lecture em 1640. Glisson pertenceu ao chamado Invisible College, grupo seleto de acadêmicos que promoviam encontros semanais em Londres para discussões e questionamentos sobre filosofia natural e experimental.

Um grupo de acadêmicos do College iniciou, por volta de 1645, debates sobre *rickets*,

Francis Glisson

doença que parecia estar se disseminando na Inglaterra, chegando a ser chamada, na época, de English Disease. Esses trabalhos culminaram com a edição de um livro em 1650, o "*Tractatus de Rachitide sive morbo puerilii*", escrito fundamentalmente por Glisson, tendo G. Bate e A. Regemorter, além de outros cinco profissionais, como colaboradores. Glisson sugeriu a denominação *Rachitis* (raquitismo) e, sobretudo nos capítulos relativos à natureza da moléstia, propunha um desequilíbrio no qual o "espírito interior" (*spiritus insitus*) das partes primariamente afetadas – a medula espinhal e os nervos periféricos – seria deficiente e fraco. Tal ênfase num "princípio interior" permaneceria ao longo da obra e da vida de Francis Glisson.

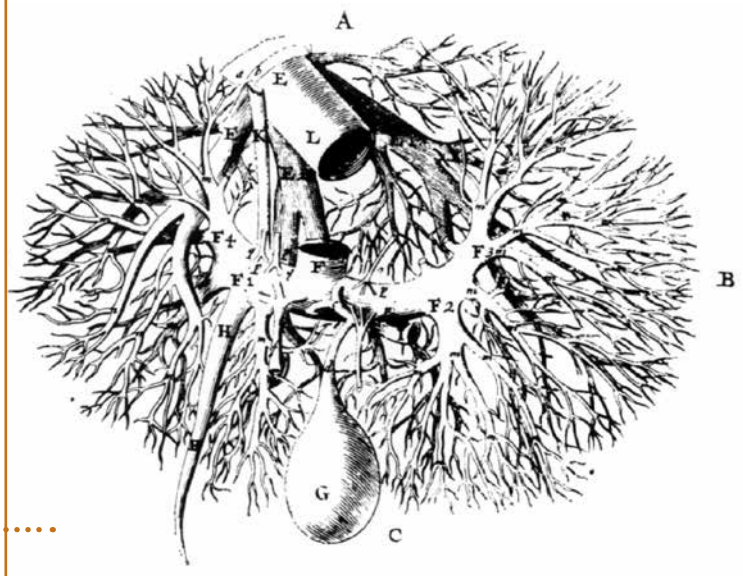
Nesse trabalho, assim como em outros, Glisson incluía achados empíricos numa estrutura escolástica de raciocínio, tentando conciliar os princípios da fé com a razão e estabelecendo ampla base de argumentação nas discussões dos problemas enfrentados. O *Tratactus de Rachitide* foi a primeira monografia a surgir na Inglaterra abordando profundamente uma única doença, tendo despertado grande admiração dos especialistas em moléstias infantis. Nas palavras de Sir William Osler, "a monografia, como um todo, é um perene monumento à habilidade e ao poder de observação deste grande médico".

Nessa época, Glisson fez clara descrição do escorbuto infantil (doença de Moller-Barlow), o qual havia observado em crianças com raquitismo, e mostrou que, embora a primeira frequentemente acompanhasse a segunda, era uma moléstia completamente distinta.

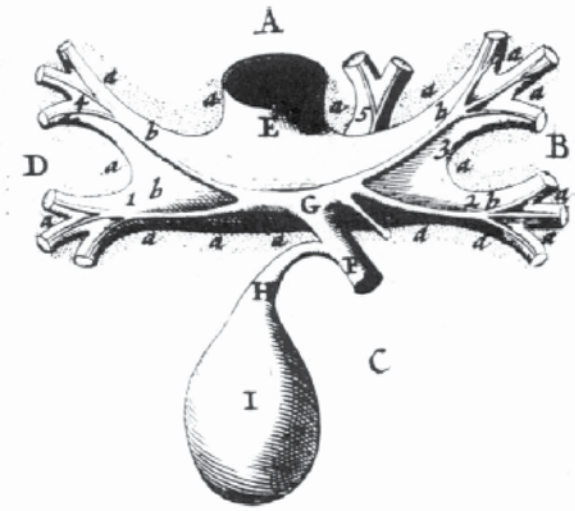
Francis Glisson interessou-se de modo particular pelo fígado e sua anatomofisiologia, sua circulação sanguínea e as vias biliares. Seu segundo grande trabalho foi *Anatomia Hepatis*, em 1654, o qual se tornou o principal tratado sobre fisiologia digestiva na época. Baseando-se em investigações originais em que usava injeções de líquidos corantes, moldes e ilustrações, Glisson desvendava a circulação sanguínea da veia porta para a veia cava, não acompanhada pela circulação linfática. Negava a continuidade dos ramos da veia porta com os das veias hepáticas. Postulava que os ramos cruzavam, e o sangue levado pela veia porta seria separado dentro do fígado: a fração "biliosa" seria "aspirada" pelos canais biliares por uma "atração" que chamava de "magnética" ou "natural" e que se assemelhava ao que Galeno chamou de "propriedade de atração". O sangue restante seria atraído para as veias hepáticas. As ramificações da veia porta, assim como os ductos biliares, estariam envolvidos por tecido fibroso, então denominado "*capsula communis*", hoje amplamente consagrado como "cápsula de Glisson".

Nessa obra, foram descritos em detalhes a estrutura interna do fígado com os vasos sanguíneos intra-hepáticos, a distinção de cinco segmentos hepáticos através dos grandes ramos da veia porta, as regiões terminais dos capilares sanguíneos e dos canalículos biliares como trajetos funcionais e a dinâmica do fluxo biliar.

"O 'Tratactus de Rachitide' foi a primeira monografia a surgir na Inglaterra abordando profundamente uma única doença, tendo despertado grande admiração dos especialistas em moléstias infantis"



Esboço da organização dos vasos intra-hepáticos feita por Glisson em "*Anatomia hepatis*"



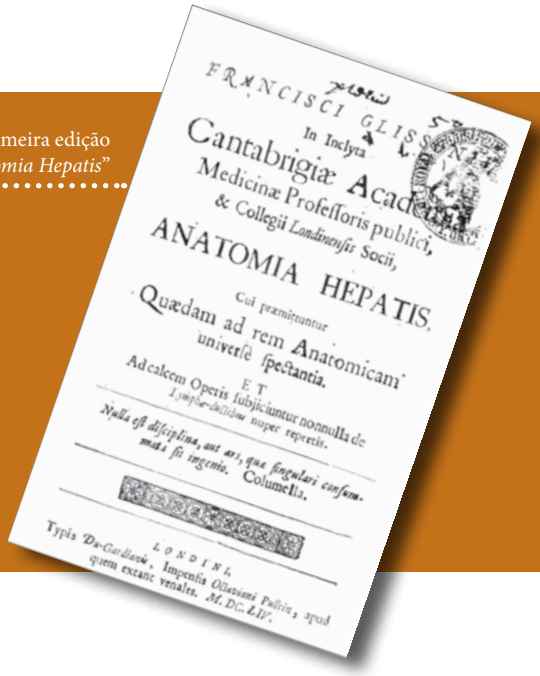
A. Hepatis gibbum.
B. Pars illius dextra.
C. Cavum hepatis.
D. Pars sinistra.
E. Truncus Portæ sursum re-flexus, ut cætera vasa facilius conspiciantur.
1.2.3.4.5. Ejusdem quinq; rami majores.
F. Ductus communis.
G. Porus bilarius, ipsiusque prima divisio.
H. Meatus cysticus.
I. Vesicula fellis.
a.a.a.a. Capsula communis aperta.
b.b.b.b.b. Pori bilarii subdivisiones.
2do. Ad

Ilustração da divisão da veia porta por Glisson, em "*Anatomia Hepatis*"

A cápsula foi descrita como tecido conjuntivo ramificante, semelhante ao formato de uma árvore com galhos. Os vasos portais, circundados por tecido conjuntivo, foram chamados de "tríades portais", ou triângulo de Glisson, em 1659. Não tendo detectado a presença de nervos no parênquima hepático, mas apenas na cápsula, Glisson julgou ser função do parênquima separar a bile do sangue por mecanismo de "afinidade".

Em seu *Tractatus de natura substantiae energetica*, de 1672, usando argumentação estritamente escolástica, Glisson tenta demonstrar a existência de "vida" em todos os corpos, numa abordagem dita hilozoística. Nos chamados "corpos inanimados", ela seria especificada pelas formas, enquanto nas plantas e nos animais a "vida" seria diferente, tornando-se o "espírito vegetativo" e o "espírito sensitivo", respectivamente. Nos animais, a vida "inserida" (*vita insita*) seria intensificada pelo influxo do sangue (*vita influens*) e pelas regulações psíquicas.

Seu último livro médico, *Tractatus de ventriculo et intestinis,* escrito em 1677, é um amplo compêndio de anatomia baseado em algumas de suas aulas. Nele, Glisson defendia a teoria de que os nervos carregavam um sumo orgânico nutritivo (*succus nutritious*) secretado pelo cérebro entre o córtex e a medula a partir de partículas do sangue arterial. A força psíquica seria a "força estável" desse sumo, servindo à nutrição mais que à função das fibras do corpo. Como substância química, a força psíquica não poderia fluir suficientemente rápido para assegurar a simultaneidade de eventos no cérebro e nos segmentos periféricos. A atividade nervosa seria transmitida por vibração dos nervos, causada por contração localizada do cérebro. As fibras musculares então se contrairiam devido à "irritabilidade", propriedade que compartilhariam com todas as fibras do corpo. Com tais conceitos, Glisson foi precursor de Albrecht von Haller, em cujas pegadas estivemos na edição anterior desta Revista. Para demonstrar a independência da contração muscular de qualquer influxo material, Glisson citou a experiência em que, imergindo-se um braço na água, não havia aumento do volume líquido durante a contração muscular.


FRANCISCI GLISSONI
In Inclyta
Cantabrigiæ Academia
Medicinæ Professoris publici,
& Collegii Londinensis Socii,
ANATOMIA HEPATIS,
Cui præmittuntur
Quædam ad rem Anatomicam
universè spectantia.
ET
Ad calcem Operis subjiciuntur nonnulla de
Nulla est disciplina, aut ars, quæ singulari consum-
mata sit ingenio. Columella.
LONDINI,
Typis Du-Gardianis, Impensis Octaviani Pulleyn, apud
quem extant venales. M. DC. LIV.

Página frontal da primeira edição de "*Anatomia Hepatis*"

Com atuação tão criativa e marcante na Medicina do século XVII, são poucas as informações disponíveis sobre aspectos da vida pessoal de Francis Glisson. Teria se casado antes de 1640 com Maria, a qual possivelmente tenha falecido precocemente, não havendo tampouco registros de filhos do casal. Seus livros foram reeditados várias vezes, e doze volumes de seus manuscritos, incluindo cartas, prefácios e aulas, estão preservados na Sloane Collection, no British Museum.

Francis Glisson faleceu em 14 de outubro de 1677 aos 81 anos de idade, em sua casa em New Street, sendo sepultado na igreja de St. Bride's, Fleet Street, em Londres.

Referências

1. Walker RM. Francis Glisson and his capsule. Ann R Coll Surg Engl. 1966 Feb;38(2):71-91.
2. Jones AR. Francis Glisson. J Bone Joint Surg Br. 1950;32(3):425-8.
3. Little EM. Glisson as an Orthopaedic Surgeon. Proc R Soc Med. 1926;19 (Sect Hist Med):111-22.
4. Temkin O. "Glisson, Francis." Complete Dictionary of Scientific Biography. 2008. Encyclopedia.com. (3 Nov. 2014). Disponível em: http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-2830901661.html
5. Kuntz E, Kuntz HD. Hepatology. Principles and practice. 3rd Ed. Heidelberg: Springer Medizine Verlag; 2008.

Boletim SBH

Grande sucesso do II Simpósio de Hepatologia do Nordeste

Realizado no Hotel Tropical Tambaú, em João Pessoa, Paraíba, entre 25 e 27 de setembro, o Simpósio teve mais de 700 inscritos. A abertura ocorreu na noite de 25 de setembro, após um dia inteiro de intenso trabalho durante a reunião de consenso da SBH, coordenada por Flair Carrilho e Edison Parise e com a participação de hepatologistas do norte ao sul do país, encarregados de elaborar a Diretriz Brasileira para Diagnóstico e Tratamento do Carcinoma Hepatocelular.

Abertura do II Simpósio pelo Presidente da SBH - Edison Parise

Sentados da esquerda para a direita: Edmundo Lopes, Presidente eleito da SBH; Eymard Medeiros, Presidente do Evento; Marcelo Naveira, Coordenador de Hepatites Virais no M.S.; Erico Arruda – Presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia e Henrique Sergio M. Coelho, ex-Presidente da SBH.

O Curso Básico Multiprofissional teve excelente procura e participação acompanhado por concorrida sessão de discussão de pôsteres.

O prêmio de Melhor Trabalho Científico foi para a Dra. Adalgisa Ferreira (Maranhão), levando, este ano, o nome do Professor Luiz Guilherme Lyra. Confraternização com feijoada no encerramento do evento.

Participação da SBH no Congresso da Aleh

A SBH é importante membro da Aleh (Associação Latino-Americana para o Estudo do Fígado) que congrega todos os países da América Latina, desde o México, America Central até a Argentina e Chile. Cerca de 100 brasileiros compareceram ao 23º Congresso da Aleh, que aconteceu em Cancún, de 11 a 13 de setembro. Nesses congressos bianuais é feita a troca de autoridades, bem como a eleição de novo membro para a junta diretiva. De forma semelhante ao que ocorre com a AASLD e a EASL, existe uma ascensão progressiva dos cargos até chegar ao topo, ou seja, a função de presidente. Obedecendo a uma alternância entre os países do continente, o Brasil apresentou um ex-presidente da SBH para ocupar o cargo de segundo vice-presidente da Aleh, o qual deverá assumir a presidência dentro de quatro anos e fazer seu congresso dentro de seis anos. Segundo os estatutos da Aleh, o candidato é proposto com antecedência pelos membros do seu país e a eleição ocorre durante a reunião de delegados representantes de cada associação ou grupo de fígado dos diferentes países latino-americanos. Assim, neste ano de 2014 foi proposto e eleito para futuro presidente da Aleh nosso colega Raymundo Paraná, que passa a integrar a junta diretiva da Aleh na posição de segundo vice-presidente.

No final do 23º Congresso da Aleh, Nahum Mendes (México) passa a presidência para Javier Brahm (Chile).

Raymundo Paraná é escolhido para ser presidente da Aleh a partir de 2018.

Edna Strauss recebe uma homenagem em reconhecimento ao seu trabalho para gerar conhecimentos e também por seus esforços para o desenvolvimento da Aleh. É a primeira vez que a Aleh, de forma semelhante ao que fazem suas coirmãs, AASLD e EASL, homenageia, de forma solene durante o congresso, dois de seus membros, um do Brasil e outro do México, por trabalhos prestados à associação. Edison Parise fez um breve histórico da carreira científica e associativa de sua colega Edna Strauss, e o outro homenageado foi Misael Uribe, do México.

II Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH

Em 17 de outubro de 2015 foi realizado em São Paulo o II Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH, com planejamento e organização das colegas Maria Lúcia Ferraz (São Paulo) e Renata Perez (Rio de Janeiro). Concorreram ao prêmio apenas os autores de até 45 anos de idade, a maior parte deles com orientadores das melhores universidades de todas as regiões do país. A SBH recebeu 62 trabalhos científicos, que foram submetidos à análise crítica de uma comissão julgadora inicial para a escolha dos 24 melhores trabalhos, apresentados em sessão plenária que ocorreu das 8h30 até as 18h, com ampla discussão e aproveitamento entre todos os participantes.

Após cada apresentação, dois moderadores faziam questionamentos, e o assunto foi debatido pelos diferentes colegas presentes à reunião. A comissão julgadora final foi composta por dois ex-presidentes da SBH, Ângelo A. Mattos (Rio Grande do Sul) e Edna Strauss (São Paulo). Foram levadas em consideração as pontuações feitas aos diferentes trabalhos pela comissão inicial, assim como a apresentação do tema e as respostas dos candidatos às indagações, sendo deliberada a premiação.

Receberam menção honrosa os seguintes trabalhos: "Efeito do metoprolol na disfunção cardíaca e no remodelamento na cardiomiopatia cirrótica: estudo randomizado controlado", apresentado pelo Dr. Daniel Ferraz Campos Mazo (São Paulo) – (foto à esquerda), "Efeito da sinvastatina na hipertensão porta cirrótica avaliado pela medida do gradiente de pressão venosa hepática (HVPG) e fluxometria de ázigos por ecoendoscopia com doppler (EUS-Cd)", apresentado pela Dra. Priscila Pollo Flores (Rio de Janeiro) – (foto à direita).

O premiado com o primeiro lugar, que, além de diploma e placa, vai receber passagem, estadia e inscrição no próximo Congresso da SBH em 2015, foi o trabalho: "Plaquetas aumentam a sobrevida no modelo de hepatectomia de 90%", apresentado por Monica Luján Lópes (Rio Grande do Sul).

Reunião de diretrizes de doenças colestáticas e hepatite autoimune

Em 18 de outubro, comemorando o dia do médico, foi realizada em São Paulo mais uma reunião de diretrizes da SBH. O conhecimento e a boa conduta clínica face ao diagnóstico de doenças colestáticas e autoimunes do fígado caracterizam o hepatologista completo. Nesse terreno ele se distingue dos colegas de outras especialidades afins e se afirma como verdadeiro conhecedor dos problemas hepáticos.

Os colegas Paulo Bittencourt (Bahia), Antonio Eduardo B. da Silva (São Paulo) e Eduardo Cançado (São Paulo) foram os organizadores do evento, que teve a participação de colegas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Santa Catarina. Cynthia Levy, brasileira e professora na Universidade de Miami (EEUU), foi nossa convidada internacional. Após as palestras, os redatores da diretriz apresentaram suas propostas iniciais, que serão amplamente divulgadas e discutidas antes do documento oficial da SBH sobre o tema. Todos os sócios, acessando nosso *site*, poderão participar com sugestões construtivas e esclarecedoras.

Formação e treinamento técnico de hepatologistas no manejo de testes não invasivos e na elastografia transitória

Além de deslocar especialistas para dar apoio e monitorar os centros de referência que estão sendo instalados em alguns Estados do Nordeste brasileiro, grupos de jovens hepatologistas são trazidos a São Paulo. Em esquema de mutirão, durante uma semana, fazem intenso treinamento, revezando-se em alguns centros devidamente capacitados.

Participaram do curso no mês de outubro de 2014 (da esquerda para a direita): Márcia Iasi (Pará), José Ricardo Pernambuco (Pernambuco), Nadjla Andreya Cipriano (Piauí), Conceição Rego Vasconcelos (Piauí), Josenildo Correia de Lima (Pernambuco), Flávio Barbosa Júnior (Goiás), Norma A. Filgueira (Pernambuco), Cláudia Couto (Minas Gerais) e Maurício Pacheco (Sergipe). O entusiasmo e aproveitamento dos participantes são grandes estímulos para a SBH continuar nesta importante tarefa de expandir centros de referência em hepatologia, para suprir as grandes necessidades em nosso país.

Grande procura pela bolsa de estudos para intercâmbio com a Itália

No prazo estipulado, inscreveram-se para a bolsa no exterior 15 candidatos, sendo sete deles com doutorado e cinco com mestrado. O bom nível dos candidatos permitiu uma pré-seleção, seguida de uma entrevista. Após o *webmeeting*, a candidata escolhida foi Ana Ruth Silva de Araújo, de Manaus, AM.

Em *webmeeting* de 30 de outubro de 2014, a candidata escolhida, Ana Ruth, conversa sobre o tema com membros da diretoria da SBH e com o diretor do Centro de Investigação em Medicina Translacional na Itália, professor Cláudio Tiribelli.

Difusão de conhecimentos sobre os novos tratamentos para hepatite C, por *webmeetings* da SBH

A Sociedade Brasileira de Hepatologia, buscando cumprir seu objetivo de contribuir para a formação dos médicos hepatologistas e de áreas afins, como a clínica médica, gastroenterologia e infectologia, realizará, ainda neste ano, três *webmeetings* com *highlights* do AASLD 2014 sobre o assunto. O tratamento da hepatite C deve iniciar no Brasil a partir de 2015.

- **18/11/2014. Como tratar portadores de hepatite C genótipo 1 com medicamentos da segunda onda**

Temas: a) tratamento com sofosbuvir + simeprevir ou daclatasvir e tratamento com sofosbuvir + interferon e ribavirina. b) o tratamento de coinfectados, cirróticos, renais crônicos e transplantados.
Moderador: Edison Roberto Parise
Discutidores: Hugo Cheinquer, Maria Lucia Ferraz, Paulo Roberto Abrão Ferreira, Leila Maria Beltrão Pereira

- **27/11/2014 Como tratar portadores de genótipo não -1 (2, 3, 4, 5 e 6) com medicamentos da segunda onda**

Temas: tratamento com sofosbuvir + daclatasvir, sofosbuvir + ribavirina com ou sem interferon, tratamento de populações especiais.
Moderador: Edison Roberto Parise
Discutidores: Raymundo Paraná, Henrique Sérgio Coelho, João Mendonça, Paulo Roberto Lerias de Almeida.

- **09/12/2014. O futuro não distante Interferon Free**

Temas: tratamento com novos esquemas: paritaprevir + ombitasvir + dasabuvir; grazoprevir + elbasvir; sofosbuvir + ledipasvir +/- GS258; daclatasvir + asunaprevir + BMS-791325.
Moderador: Cláudio Figueiredo-Mendes
Discutidores: Mário Guimarães Pessoa, Mário Reis Álvares da Silva, Fernando Gonçales, José Eymard Medeiros Filho.

Programe-se para os eventos futuros

No Brasil, teremos em breve:

- SBAD – Semana Brasileira do Aparelho Digestivo, de 22 a 25 de novembro de 2014.
- II Simpósio de Hepatologia do Centro-Oeste, de 6 a 7 de março de 2015, em Brasília, DF.
- V Encontro Luso-Brasileiro e I Simpósio Sul de Hepatologia, de 18 a 21 de março de 2015, em Porto Alegre, RS.

No exterior:

- VII Paris *Hepatitis Conference* , 12 e 13 de janeiro de 2015, em Paris, França.
- Congresso Internacional de Hepatologia da EASL, de 22 a 26 de abril de 2015, em Viena, Áustria.

XXIII Congresso Brasileiro de Hepatologia

SBH 2015
XXIII Congresso Brasileiro de
Hepatologia

Após o sucesso de seu lançamento junto às companhias farmacêuticas, os preparativos para o próximo Congresso continuam em larga escala.
O *site* específico do Congresso está sendo lançado durante a SBAD. Informações preciosas, como datas para o envio de trabalhos e condições de inscrições, estarão disponíveis para todos em breve.
Dados do programa científico propriamente dito também serão disponibilizados no *site*.
Conforme prometido no último boletim, publicamos neste número a versão em português do Simpósio Internacional que precede o Congresso da SBH.
Lembramos que a língua oficial do simpósio será o inglês, havendo tradução simultânea.
Seu conteúdo lida com Medicina Translacional, procurando sempre fazer a conexão de pesquisa básica com as necessidades clínicas de nossos pacientes.

10º Simpósio Internacional sobre Doença Alcoólica Hepática e Pancreática e Cirrose (ISALPD/C)

WTC *Convention Center*, São Paulo, SP, Brasil
30 de setembro e 1º de outubro de 2015

Programa preliminar

30 de setembro, quarta-feira

Das 8h às 8h15**: inscrições**

Das 8h15 às 8h20**: sessão de abertura – Sociedade Brasileira de Hepatologia**
Presidente: Edison Parise (Brasil)

Das 8h20 às 8h30**: saudação inaugural do diretor do programa americano**
NIAAA. Diretor: George Koob (EUA)

Das 8h30 às 10h: **sessão I: Mecanismos Emergentes de Lesão pelo Álcool**

- Desregulação dos processos normais de autofagia no desenvolvimento de doença hepática alcoólica
  Xiao-Ming Yin (EUA)
- Papel fisiológico e terapêutico da interleucina 22 na hepatite alcoólica - Bin Gao (EUA)
- Novos conhecimentos em pancreatite alcoólica
  Peter Hegyi (Hungria)
- Novos alvos terapêuticos na esteato-hepatite alcoólica e não alcoólica - Gyongi Szabo (EUA)
- Discussão

Das 10h às 10h30: ***State-of-the-Art* I – Há Diferenças Entre Esteato-Hepatite Alcoólica Crônica e Hepatite Alcoólica?**
Ramon Bataller (EUA)

Das 10h30 às 11h: intervalo e visita a pôsteres

Das 11h às 12h30**: sessão II: Interações Sinérgicas entre Esteato-Hepatite Alcoólica e Não Alcoólica**

- A ativação dos macrófagos M1 no sinergismo entre álcool e obesidade - Jun Xu (EUA)
- Novos marcadores de sinergismo entre esteatose alcoólica e não alcoólica - Raj Lakshman (EUA)
- Polimorfismos genéticos e estresse oxidativo na esteato-hepatite
  Cláudia Oliveira (Brasil)
- Terapia nutricional para a síndrome metabólica
  Puneet Puri (EUA)
- Discussão

Das 12h30 às 13h: ***State-of-the-Art* II – Recentes Avanços na Terapêutica da Hepatite Alcoólica**
Philippe Mathurin (França)

Das 13h às 13h40: ***Hot Topics***

- Novos alvos terapêuticos para a esteato-hepatite
  Arun Sayal (EUA)
- Tratamento para o alcoolismo - Barbara Mason (EUA)

Das 13h40 às 14h30: **intervalo e visita a pôsteres**

Das 14h30 às16h: **sessão III: Últimas Novidades em Fibrose Hepática**

- Recentes avanços no entendimento da fibrose relacionada com álcool ou vírus - Detlef Schuppan (Alemanha)
- Mecanismos de reversão da fibrose hepática
  Tatiana Kissevela (EUA)
- Regulação epigenética da fibrose hepática
  Derek Mann (Reino Unido)
- Novos alvos terapêuticos para a fibrose hepática
  Hidekazu Tsukamoto (EUA)
- Discussão

Das 16h às 16h30: ***State-of-the-Art* III – Recentes Conquistas no Tratamento da Fibrose Hepática Causada por Álcool, Obesidade e Vírus da Hepatite C**
David Brenner (EUA)

Das 16h30 às 17h: **intervalo e visita a pôsteres**

Das 17h às 18h30: **sessão IV: Discussão de Casos Clínicos com Manejo de Suas Complicações**

- Ascite e infecção não PBE - Adrian Gadano (Argentina)
- Ascite e icterícia - André Siqueira Matheus (Brasil)
- Hemorragia digestiva alta e encefalopatia hepática
  Javier Brahm (Chile)

Das 18h30 às 19h: **seminário vespertino – Novas Perspectivas de Tratamento para o Carcinoma Hepatocelular**
Joseph L. Lovet (EUA)

Às 20h: **sessão de abertura do XXIII Congresso Brasileiro de Hepatologia**

1º de outubro, quinta-feira

Das 8h às 9h30 : **sessão V: Câncer do Fígado e do Pâncreas**

- O papel do alcoolismo no câncer do fígado e do pâncreas
  Sam Zakhari (EUA)
- A microbiota intestinal e o carcinoma hepatocelular
  Robert Schwabe (EUA)
- Células-tronco e carcinoma hepatocelular
  Claudio Tiribelli (Itália)
- Células estreladas e câncer pancreático
  Atsushi Masamune (Japão)
- Discussão

Das 9h30 às10h:- ***State-of-the-Art* IV – Células Progenitoras e Carcinoma Hepatocelular**
Holger Willenbring (EUA)

Das 10h às 10h30: **intervalo e visita a pôsteres**

Das 10h30 às 12h: **sessão VI: Cuidados Especiais com o Câncer** e **Transplante Hepático**

- Fatores proangiogênicos para o desenvolvimento de carcinoma hepatocelular na cirrose alcoólica
  Helena Cortez Pinto (Portugal)
- Manejo da recorrência alcoólica antes e depois do transplante hepático - Cláudio Marrone (Brasil)
- Manejo da hepatite C no contexto do transplante hepático
  Marina Beringuer (Espanha)
- Novas drogas para o carcinoma hepatocelular
  Joseph L. Lovet (EUA)
- Discussão

Em breve!

Curso de Diagnóstico e Prevenção das

Hepatites Virais

Acesse o novo portal **Tudo sobre Fígado** e assista às aulas do curso para Profissionais da Atenção Básica na internet!

Acesse gratuitamente!

acesse:
www.**tudosobrefigado**.com.br

Realização:

Esta é mais uma iniciativa da
Sociedade Brasileira de Hepatologia